

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXVII

1925 & 1926

A ermida românica de S. João Baptista de Távora (Valdevez)

(*Estudos do Alto-Minho, xxv*)



SCASSOS cinco mil metros afastada da margem direita do rio Vez, pitoresco afluente do Lima, ergue-se recatadamente a igrejinha românica da Comenda de S. João Baptista de Távora, no concelho dos Arcos de Valdevez.

Exígua de dimensões, mas sòlidamente edificada de silharia ennegrecida da sua longa e impávida antiguidade, esta ermida é um dos pequenos monumentos que, no norte de Portugal, se conservam com a sua virgindade architectural, pelo menos no exterior; modesta e robusta, ¿para que lhe eram necessárias restaurações afrontosas? ¿Para lhe sufocar a linguagem, que estas pedras tismadas nos falam através da sua decoração quási sempre intencional?

Surpreendemos pois hoje, no iniciar do séc. xx, essa construção multissecular, quási como no-la legaram os seus fundadores do século xii; apenas com a orgulhante corrosão da sua epiderme. Dentro dela, tam viva hoje como então, porque não houve modificação do seu destino, ainda se celebra a mesma liturgia cristã dos seus primitivos dias e, do seu velho campanário, desprendem-se ainda as mesmas vibrações, ora de alegria, ora de saúde, com que o tanger do bronze chama à prece cotidiana os crentes simples da redondeza.

Eis porque a arqueologia cristã sente pulsar ainda nessa humilde igrejinha todo o seu extenso passado, sem ter de amaldiçoar a hora injusta de alguma adaptação sacrilega.

Conheço a ermidinha da Comenda de Távora desde 1893; procurei logo fixar no meu album a face veneranda da multicentenária construção, o contôrno da sua frontaria desataviada, para dar dela ao depois oportuna notícia. (Fig. 1). Passaram já seus trinta anos, o

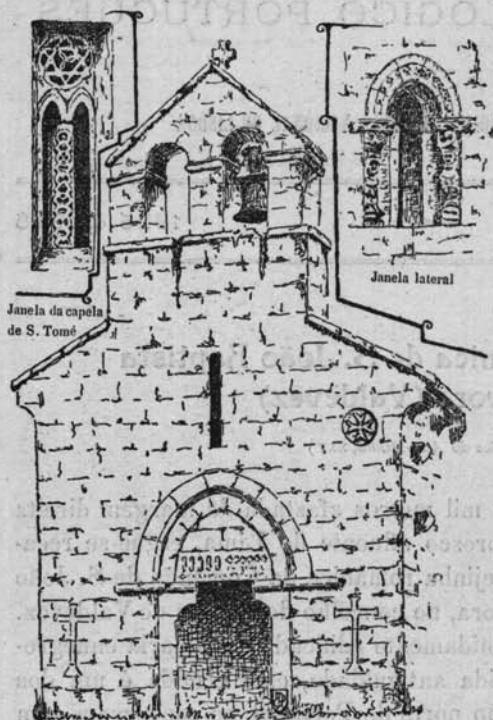


Fig. 1

bastante para envelhecerem as minhas notas e amarelejarem os meus desenhos, um nada para a longa existência desse monumento; mas, louvado Deus, o estudo e aprêço destas construções mediévicas não tem enfraquecido em Portugal; ao contrário; entrou mais no espirito de muitos esta maneira patriótica de amarmos a nossa terra, de recordarmos o seu grande passado, para o respeitarmos de coração reconhecido.

Bourrassé, archeólogo francês, escreveu este belo e exacto conceito: «o génio de cada homem desenha-se nas suas acções; o génio de cada

povo grava-se nos seus monumentos». Bastante se tem trabalhado pois, monografando edificios de eras passadas, reproduzindo as suas imagens e retalhos, preparando desta sorte os alicerces de futuras generalizações históricas.

*

Não fatigarei o leitor dêste estudo com preâmbulos históricos, mais ou menos relacionados com esta antiguidade. O monumento, de que me ocupo, era simplesmente uma ermida de S. João Baptista, cabeça da Comenda ou Bailia maltesa de Távora, com jurisdição paroquial, limitada aos fregueses que viviam dentro da demarcação própria e que se baptizavam e casavam dentro dessa igreja.

Direi apenas que a Ordem Militar dos Hospitalários passa por ter sido admitida em Portugal ainda antes de definida a independência, remontando à época de D. Teresa (1114) os seus vestígios primeiros¹. A Comenda de S. João Baptista de Távora procede também duma doação da rainha D. Teresa à casa e mosteiro hospitalário de Leça, junto do Pôrto. Ignoro se ainda existe algum apógrafo dessa carta régia².

Se os freires não se demoraram em construir a sede religiosa do seu domínio no *judicato de valle de vice*, não os podemos acusar de terem desprezado uma circunstância que valorizaria muito para nós a sua fundação, pois que gravaram nos dintéis das portas dizeres, que infelizmente a mão inexorável do tempo quasi apagou. Todavia, se bem pode soletrar-se a data de uma das ins-

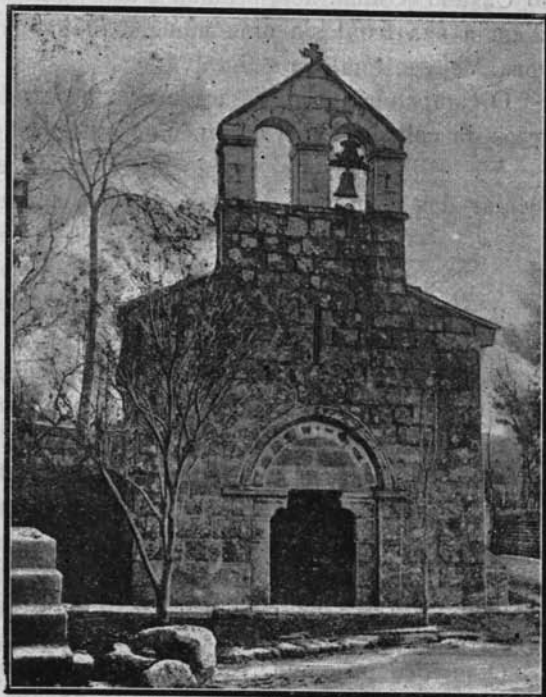


Fig. 2

crições, e essa fôsse a que indicava a época em que foi edificada a ermida de Távora, teríamos de remontar aos princípios do reinado de D. Sancho I.

*

A planta da construção é um simples rectângulo, a que se juxtapõe, do lado do nascente, outro quadrilátero de menor área, que deixa exteriormente ângulos reentrantes na intersecção e constitui a oussia.

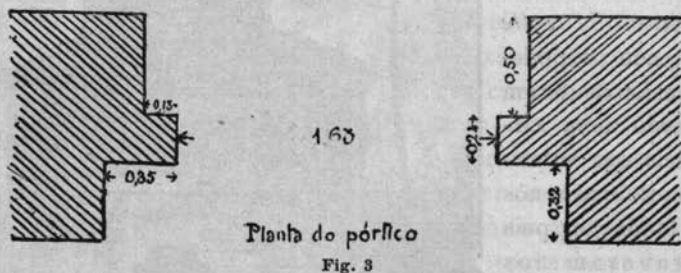
¹ H. de Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, I, 367, e *Índice das habilitações da Ordem de Malta em Portugal*, pelo Sr. P. de Azevedo, in *Rev. de Historia*, II, 226.

² Segundo J. Anastácio de Figueiredo, *Nova Historia da Militar Ordem de Malta*, Lisboa 1800.

O tipo pseudo-basilical da sua frontaria avalia-se suficientemente da fig. 2. O campanário, conquanto muito antigo a julgar dos arcos das ventanas e impostas, não tem a pátina escurecida da restante silharia, se bem que a forma do primitivo não devesse divergir muito. A não distante igreja de Bravães (Ponte da Barca), a de S. Miguel do Castelo (Guimarães) e ainda a de S. João do Alporão (Santarém) filiam a sua frontaria num modelo análogo¹ à da Comenda de Távora. Veja-se também a fig. 1.

O campanário é uma parede róta por duas ventanas a par, com arcos de volta redonda e empêna tectiforme².

A cornija horizontal, em que êle se apoia, está vincada pelo atrito secular das correntes de ferro que dos sinos baixavam para serem



tangidos, não do telhado da ermida, mas do chão e pela frente. Neste particular há, nos monumentos românicos portugueses, curiosas e expressivas degradações.

O pórtico principal, voltado ao poente, é também aqui de uma grande simplicidade, menos contudo do que em Ermêlo. Bastante largo, de pés-direitos lisos, sobrepujados de grandes impostas, é coroado por um tímpano de silhares horizontais. Êste elemento, que não exerce aqui função alguma estática, e é muitas vezes aproveitado para uma decoração ou uma alegoria, recebeu o lavor de uma epigrafe ao lado de uns desenhos pouco acentuados de carácter secundário. O vão mede para a altura 2^m,60 e para a largura 1^m,63. Junto uma planta cotada. (Fig. 3).

Circunscrevem-no dois arcos sobrepostos de meia-volta um tanto indecisa, sendo o exterior faceado com o pano da frontaria e o interior

¹ Talvez possam entrar para a mesma série as igrejas de Barrô (Rêsende) e Unhão (Felgueiras).

² *Clocher-arcade* lhe chamam em França (J. A. Brutails), onde também não são raros.

reintrante e nivelado com o tímpano, tornando-se por assim dizer um arco de descarga.

Esguia fresta sôbre a entrada, como seteira de defesa, define verticalmente o eixo da construção e ilumina com suave penumbra o côro da ermida. O seu fecho é de arco redondo.

A obliquidade moderada das empênas laterais da fachada, que se projectam nos cunhais da ermida com o perfil da cachorrada uniforme dos beirais, parece acentuar a distância, a que a arquitectura ainda estava, das formas construtivas do período ogival.

Ao lado direito, junto da empêna, num aro rebaixado, vê-se em relêvo a cruz dos Hospitalários, equilátera, de oito pontas, outros tantos vértices que resultam de ângulos reintrantes. Análogo símbolo apresenta a igreja de Barrô (Rêsende), também na frontaria.

No remate do campanário, uma cruz equilátera, um tanto rude, mas octangular, de faces lisas e maciça, afirma bem do alto a qualidade monástica do senhorio desta ermida. Êste

símbolo cruciforme que, no manto negro dos freires hospitalários se imprimia em branco, no alvo manto dos cavaleiros do Templo, que também possuíam domínios neste *judicato* português, rutilava de vermelho. Na pedra, porém, não era a côr que os extremava, senão a própria forma, que era um tanto diversa.

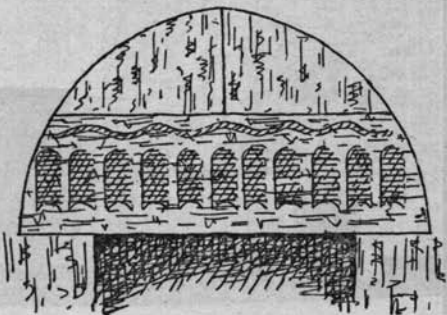


Fig. 4

*

A ermida de S. João tem duas portas laterais primitivas, uma emparedada; a franqueada olha ao ábrego, e, em plano superior, existe uma janela repassada de encanto românico e por isso digna de observação. Vejamos primeiro aquela.

Está construída com uma grande simplicidade. O tímpano apresenta na vêrga labores gravados, análogos aos do pórtico principal: é, primeiro, uma série de pequenos quadriláteros alongados, espécie de escudetes com o tópo superior de arco convexo e o inferior de arco em linha côncava, dispostos paralelamente ao alto e pouco distanciados num alinhamento horizontal. Sôbre êste ornamento corre uma dupla linha ondeante, com que se figuram, não uma, mas duas serpes, afrontadas, motivo êste que se repete nas impostas. (Fig. 4).

Contrasta com esta pobreza decorativa a janela, que lhe fica superiormente e que tem uma ornamentação acentuadamente românica. As umbreiras formam de cada lado um ângulo reentrante, onde se alojam dois colonelos, em cujos fustes estão esculpidas figuras

humanas, tóscas, sem dúvida, e ingénuas desde nascença, mas um tanto carcomidas agora. A da direita parece ser um monge de hábitos talaes, com as mãos sobre o abdómen, a segurarem um quadrilátero com a aparência dum livro aberto em duas partes iguais; o cabelo é comprido,

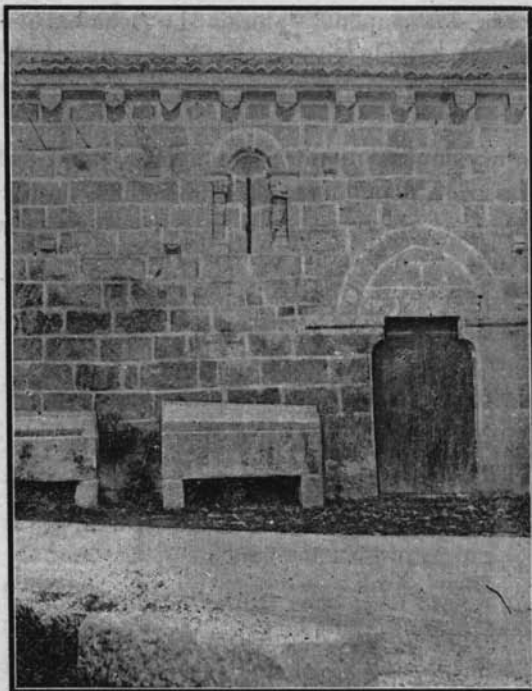


Fig. 5

aparado em linha horizontal sobre a testa; as orelhas estão sumariamente indicadas e o nariz é uma saliência triangular. Veja-se o canto superior direito da fig. 1.

É preciso, na apreciação desta escultura, contar com o que a indomabilidade do granito poderia permitir a um estatuário mediévico, talvez de ocasião. A outra figura sustenta um utensílio cilíndrico, talvez um *volumen*, que é considerado um atributo apostólico. Sobre os capitéis, relevados de motivos animalescos, as impostas salientes e extensas, ornadas de labores encanastrados. (Fig. 5).

A arquivolta da janela desenha uma ogiva de larga abertura; molduras simples; boleada a aresta interna. No fundo, ao centro, como um traço de negrume, a fenda estreita da janela, que, inte-

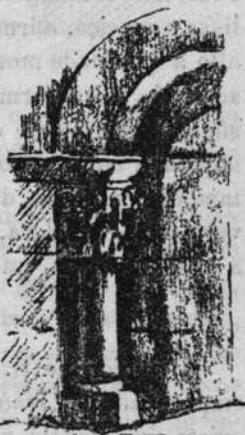


Fig. 6

riormente, deve dar um rasgão de luz. Do lado de dentro, os colunelos são meros fustes cilíndricos de baixa estatura, com capitéis estilizados de volutas e folhagens. (Fig. 6).

Na cortina voltada ao aguião, a porta entaipada estava em correspondência transversal com a que acima descrevi. Nessa parede há um cachorro com uma carranca estilizada, que copiei. (Fig. 7).

Desenhei a pedra que a fig. 8 reproduz, que é uma das impostas da porta lateral franqueada.

A parede posterior da igreja corresponde, em planta, a uma linha quebrada, pelo facto de não ter presidido à construção da capelinha contígua de S. Tomé um critério de esquadria; desenha pois um ângulo muito obtuso.

O comprimento da ermida, medido exteriormente na face setentrional, que apenas tem a solução de continuidade dum curta reintrância ($0^m,60$) que a capela-mór faz, é de $15^m,25$; para o corpo da igreja $10^m,50$; para a oussia $4^m,75$. Na fachada, a medição acusa $6^m,55$.

Do cunhal do sul-poente para o recanto que a capela de S. Tomé forma, medem-se $9^m,65$. Esta afasta-se da face meridional da ermida até a distância de $3^m,55$, em esquadria, onde faz ângulo com a sua própria parede do lado do ábrego, a qual mede $6^m,20$, resultando da soma das suas extensões o número $15^m,75$, maior portanto que o que representa o comprimento da face do aguião.



Fig. 8

Toda a face do nascente, que vem a ser as costas da oussia, mede com o seu alinhamento anormal $9^m,20$, que deveriam ser $10^m,10$ se se tivesse respeitado a esquadria na construção da capelinha de S. Tomé.

*

Pouco além da porta lateral e meridional da ermida, encosta-se pois a antiga capela de S. Tomé. É uma construção que serve de sacristia da ermida principal, para a qual se estabeleceu a comunicação interior, rasgando na parede, ao gume do cinzel, um vão de porta rectangular. Tem também, na parede perpendicular à da ermida, uma porta que olha ao poente; exteriormente, larga ogiva;



Fig. 7

por dentro, arco abatido com os cães de pedra dos gonzos, nos ângulos; impostas ornadas. Está emparedada. Os caçorros na sua parede meridional são todos iguais entre si, com o mesmo perfil fundamente ondeante; se se aproximassem, dariam a impressão duma cornija de molduras corridas. (Fig. 9). Sobre esta porta, uma fresta um pouco ao lado.



Fig. 9

Defronte da porta da entrada desta capela, na parede do fundo, que não está em esquadria perfeita com a lateral da ermida, há uma estreita e elevada janela de dupla ogiva. O pilarete central é giratório; actualmente o seu eixo é excêntrico, mas penso que primitivamente estava ao centro duma placa móvel de pedra, que, podendo dispor-se ao través do vão, obscurecia a clari-

dade interior da capelinha, dum modo susceptível de gradação. A decoração a traço do referido pilarete consta em uma das faces, de círculos e losangos alternados em série ininterrupta e é um ornato típico e de habitual recurso na arte românica; na outra face, é uma série de círculos secantes em relêvo. Suponho que já, de antigo, lhe diminuiram a largura, suprimindo-lhe b̃arbaramente uma das asas, do que resultou a excentricidade do eixo.

Tem antecedentes da maior antiguidade este processo¹. Na basílica de Tafca (Síria central) atribuída ao séc. IV-V, duas das janelas conservam ainda o seu primitivo batente de pedra.

Um pequeno óculo, alumiado na espessura da pedra que forma o tímpano, sobrepuja as duas pequenas lancêtas fenestrais. A figura aí recortada é um hexalfa, composto de dois triângulos postos um ao invés do outro, cujo centro é ocupado por um triquetro ou trifólio. Este conjunto constitui, observado internamente, o fundo exterior dum vão rectangular preparado no maciço da parede. Veja-se o canto superior esquerdo da fig. 1.



Fig. 10

Um visitador desta instituição no séc. XVII (28-XII-1687) refere que dentro desta capela havia sepulturas de Comendadores; teria

¹ Ed. Corroyer, *L'Architecture Romane*, p. 73.

sido, pois, uma capela funerária. Parece que uma das paredes se prolongava ou não foi acabada. Há, nesta parte, anomalias de planta que não tem fácil explicação; a própria parede batida do vendaval seria menos antiga que as outras; um cunhal parece refeito. Dentro vêem-se os cachorros da ermida principal, todos iguais entre si.

O cachorro que a fig. 10 representa existe no exterior da referida capela.



Fig. 11

A fig. 11 é uma imposta da mesma construção. A sua ornamentação tem carácter nitidamente prehistórico. Há cerâmica calcolítica com desenhos iguais.

*

O alpendre da ermida de Távora ficava talvez do lado do ábrego; uma série de mísulas, cujo nivelamento passa um pouco acima do parapeito ou soleira da janela ornamental já descrita, parece indicá-lo. Mas num plano ainda superior a estas, vêem-se outras três mísulas ou modilhões maiores, e um deles igual aos da actual sacristia já também mencionados.

Sobre a parede do arco cruzeiro, há uma cruz acroterial. É um rendilhado no granito. Equilátera como todas as outras, o centro é uma rosácea sobreposta a um quadrifólio que ressalta dos ângulos dos braços. (Fig. 12). É uma combinação de curvas muito querida dos canteiros desta época, empregada até como ornamento corrido.



Fig. 12

Há ainda outra cruz alumiada, de coroamento. A parte central é um disco com uma cruz equilátera de braços curvilíneos, como uma cruz de sa-gração, inscrita num círculo; neste modelo os lumes são os intervalos dos braços. Dêsse disco nascem outros braços côncavos lateralmente, mas que rematam em superfícies planas; a sua face frontal ostenta labores. (Fig. 13). É uma exactíssima réplica da cruz recortada no tímpano da igreja de Barrô (Rêsende); o que demonstra que corriam as oficinas das construções modelos servilmente copiados aqui e acolá, até que caíam em desuso pela evolução da arte. Sem os braços salientes, tem a igreja de Landim (Famalicão) um ornamento idêntico.

Em uma época, que eu julgaria difícil determinar arqueologicamente (mas historicamente talvez o ouse), gravaram exteriormente em toda a construção 14 cruzes de largos braços e alta haste, que

poderiam parecer de tipo seiscentístico, mas que encontram analogias em épocas tam recuadas como as da própria ermida; uma das mencionadas apenas apresenta na base duas singelas volutas; é a que fica do lado do evangelho, junto à porta lateral emparedada. Compare-se o meu desenho com a figura da p. 328, 2.^a col., do *Elucidário de palavras, termos e frases*, do frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo... Pintaram-nas depois de vermelho, que ainda subsiste. Em todo o caso elas abrangem também a capela de S. Tomé, a cuja construção são portanto posteriores. O que é porém certo, é que, dum velho livro manuscrito com capa de pergaminho, da igreja, consta que, em 1735, o capelão frei André Barbosa instituiu a Via Sacra na ermida da Comenda de Távora. ¿Serão essas as 14

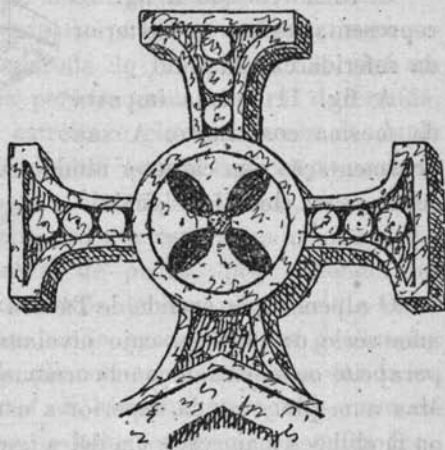


Fig. 13

cruzes estacionais? Nem pelo número, nem pelo tipo, é improvável a explicação. (Fig. 14).

Para completar a descrição exterior d'êste pequeno, mas interessante monumento, preciso é referir que, nalguns silhares desta ermida, ainda se vêem as siglas lapidares que os canteiros medievais gravavam como marca do seu trabalho; são já pouco aparentes, porque oito séculos carcomiram irresistivelmente as faces dessas paredes de granito com o limar silencioso dos seus oitocentos invernos. Um desses sinais é o esquema duma chave e réplicas têm em muitos monumentos medievicos. (Fig. 15). Nas paredes da capela de S. Tomé não consegui lobrigiar gravuras desta natureza.

Ao lado da porta meridional da ermida dos Hospitalários, dois carneiros trapezoidais de granito com tampa tectiforme prolongam-se com a parede numa imobilidade veneranda. São anepígrafos. Apenas um d'êles tem na cabeça e nos pés, sobre a face exterior da tampa, duas cruzes inscritas em rectângulos; os braços equiláteros dessas cruzes terminam em arcos côncavos. Entre elas parece desenhar-se uma espada. Veja-se a fig. 5 novamente.

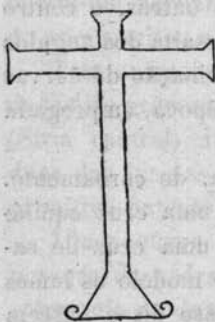


Fig. 14

Os Comendadores, que lá dentro aguardam o fim das idades, quiseram que a tampa dos seus sarcófagos fôsse uma lousa impenetrável de mistério. E assim foi e assim é.

*

Entremos na modesta e adorável igrejinha, mas descubramonos. Gerações inumeráveis de fiéis ali passaram horas de esperança

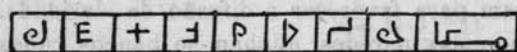


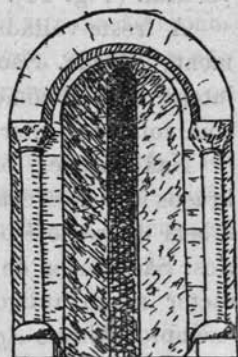
Fig. 15

à sombra da mesma cruz; vive ainda ali dentro a multidão dos seus espíritos, evocados em interminável teoria pelos fundos anelos da nossa saúde de portugueses, que foram habitadores da mesma terra que nós.

Foram banidos os Hospitalários, mas a sua obra material ficou na sua intangibilidade de granito e a sua obra patriótica dos séculos fundamentais da nossa nacionalidade, quem a não sente ainda na independência dos nossos lares através dessa quási milenária fila de anos? Aquelas mesmas paredes de silhares inabaláveis que nos rodeiam agora, viram-nos também a eles, envolvidos nos seus hábitos negros, que a cruz branca octangular esmaltava, comó uma flor de quatro pétalas. Curvem-nos, pois, perante a sugestiva ancianidade desta ermida e saúdemos a memória dèsses rijos cavaleiros, que nos robusteceram com duro esforço a infância política.

Não houve profanação grave na arquitectura interna da ermida românica. Janelas e portas permanecem intactas e outras não foram abertas, como aliás em tantos monumentos coevos tem sucedido. O primitivo arco cruzeiro de pouco vão foi, é certo, substituído há anos por outro mais amplo; não é de aprovar a substituição; perdeu algum carácter a disposição interna da ermida; é que hoje nós mal compreendemos a luz minguada dos interiores românicos; não nos amoldamos às suas proporções austeras. Quási não se via o celebrante no altar-mor: foi a justificação da mudança!

A claridade interior dèstes pequenos templos era decerto bem discreta e minguada. Os grandes vãos reclamam vitrais mais ou menos frágeis e de custosa substituição no recesso duma região como aquela, em que se engastava a ermida de S. João Baptista, ou pelo menos portadas de madeira, que as intempéries obrigariam muitas vezes a conservar cerradas e portanto sem luz.



Aspecto interior da fresca superior ao arco cruzeiro

Fig. 16

Também se recorria a placas translúcidas, a mármore espe-
culares ou a lajes alumiadas de pequenas perfurações geométri-
cas, como na bela ermida de S.^{to} Abedão, junto a Ponte de Lima.
Dentro do templo quási não havia leituras; os livros eram raros; os
letores ainda mais; apenas no altar o oficiante lia. O hábito con-
traído das construções militares influiria no emprêgo
de frestas, a modo de seteiras, que interiormente
embusinavam para favorecer a difusão da claridade.

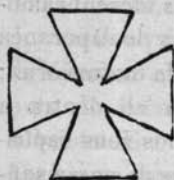


Fig. 17

Ao longo das paredes, alinham-se bancos rudes
de pedra para os fiéis. Sobre o arco cruzeiro ainda
lá está a fresta característica, interiormente ornada.
Taparam-na; essa luz do alto não é hoje reclamada.

Dois colonelos ladeiam o vão, anichados na reintrância esqua-
driada que interrompe a continuidade da parede do cruzeiro. Os capi-
téis estribam um arco liso, que serve de arquivolta. Os pés-direitos
mais fundos da janela arregaçam para o interior da ermida e são
também lisos; pela sua forma chanfrada permitem a difusão radial
da luz exterior, laminada pela estreita fenda
vertical. (Fig. 16).

A fresta voltada ao aguião não é interior-
mente ornada. São-no porém tanto a janela
lateral do Sul, como a fresta esguia da fachada
com colonelos interiores.

Nas paredes, onze cruces eqüiláteras, de
braços isósceles, estão gravadas de onde a onde,
e bem diferente é o seu tipo da dos Hospitalá-
rios. São cruces de hastes espalmadas, de ca-
rácter muito antigo, como a que se vê, por
exemplo, sobre o *Agnus* dum tímpano na igreja
da Travanca (Amarante). Cruces de consagra-
ção, costumam chamar-lhes. Doze deviam ser,



Fig. 18

segundo os autores. É possível que a substituição do arco cruzeiro
arrastasse aquela que falta à conta. (Fig. 17). Na capela-mór estão
4. No pavimento da ermida foram recentemente encontrados 7 sar-
cófagos de pedra, mumiformes, dos quais um foi arrumado junto
da capela que serve de sacristia.

Os desenhos, com que auxilio a minha descrição e que não
epigrafo especialmente, representam aspectos interiores das janelas.
Alguns capitéis ostentam as alegorias habituais. Vê-se em um deles
um monstro com bico de ave de presa, que vai devorar um ser
de forma humana, colocado invertidamente. (Fig. 18). Encontra-se a

mesma alegoria num capitel românico de S. Martinho dos Mouros e na arquivolta do pórtico de Vilar de Frades. Em outros capitéis, os labores são formas vegetais estilizadas, de pouco relêvo. (Fig. 19). A fig. 20 é a decoração de uma pata da janela interior da fachada.

Em uma das pedras, com que a ermida foi há pouco lajeada, parece ver-se a gravura de um montante. Em outra há o seguinte epitáfio:

S^A DOP^AD
REFRI^{OT}M^O
(chave) 1S91 (chave)

Julgo poder ler-se: S(*epultur*)a do padre fr(*ei*) J(*er*)o(n)imo. 1591. As chaves laterais não são de forma inteiramente igual; uma parece mais um martelo.

*

A parte epigráfica¹ exterior da ermida dos Hospitalários de Távora seria um dos mais importantes elementos de apreciação cronológica dêste curioso monumento. Lamentavelmente, o granito não pôde conservar-nos em perfeito estado de interpretação todos os caracteres.

Na vêrga inferior do tímpano do pórtico de entrada principal foi gravada, ao lado de ornatos excisos de preenchimento, a inscrição que provavelmente nos transmitiria o ano da construção. Apenas se consegue ler em caracteres onciais:

E : M : CC : XX : VIII

Parece poder ler-se a era de 1228, correspondente ao ano de 1190, devendo notar-se que a vintena é indicada por um só X cortado por dois traços da esquerda para a direita e de baixo para cima. A esta data parece seguirem-se outros ordinais e uma abreviatura de *Kalendas*. O resto é ilegível.

Estamos assim em pleno reinado do neto de D. Teresa, suposta

¹ Já transcrita, pelas provas dêste estudo, nas *Igrejas e capelas romanicas da Ribeira-Lima*, do Sr. P.^e Manuel C. Barreiros.

doadora da Bailia de Távora à Ordem do Hospital. Será de facto a data da construção?

Na porta meridional, também superiormente ao tímpano, existe um letreiro complexo. Em dois silhares superiores, consecutivos, lê-se, com relativa segurança, a data, oncial também;

E·M·CCC·XXX·II·

O que significa: «Era de 1332», correspondente ao ano de 1294. Nos silhares contíguos inferiores, e um tanto ao lado, decifra-se o nome

Joham corea

em caracteres onciais, gravado ao que parece doutra feita e talvez por outra mão. Na linha inferior, e mais à direita, vê-se a data incompleta de E M C. Na fig. 21 vê-se uma letra isolada e por baixo das outras; é uma sigla de canteiro, anterior às outras gravuras. João Correia é também provavelmente uma assinatura de mestre arquitecto, talvez o da ermida, como conheço, *de visu*, no castelo de Monsanto da Beira Baixa e, de leitura, no da Feira (*Arch. Port.*, x, 397).



Fig. 19



Fig. 20

¿Que significa esta diversidade de datas gravadas no mesmo monu-

mento? Entre uma e outra medeiam não menos que 104 anos. ¿Poderá supor-se que indicam o comêço e o termo da construção?

Só era admissível tal hipótese, se as inscrições¹ o consignassem explicitamente. E só poderia explicar tal morosidade na edificação da pequena ermida de S. João Baptista algum successo ignorado

¹ As leituras das epígrafes foram conferidas pelo meu amigo e distinto paleógrafo, P.^o Manuel J. da Cunha Brito, que os leitores já conhecem do próprio *Archeologo Português* e da *Revista Lusitana* (Cartas de Março e Abril de 1906).

hoje por nós e que tivesse ocorrido desde D. Sancho I a D. Denis, em cujo reinado entra a segunda data. Teria a doação do Crato aos cavaleiros do Hospital, no reinado de D. Sancho II, distraído para o sul as preocupações territoriais dos senhores da Bailia de Távora? Não autorizam muito esta explicação as Inquirições de 1258, onde se encontra a menção de herdadadores que tinham, nestas partes, honras do *Espital*.

Há pois um ponto que me deixa perplexo. Na parte das Inquirições afonsinas, que se reporta à freguesia de Santa Maria de Távora, não há ainda em 1258 menção de bens territoriais da Ordem de Malta. E contudo, dentro do *Judicato de Valle de Vice*, que corresponde quasi exactamente ao actual concelho dos Arcos de Valdevez, os Hospitalários possuíam rendas em numerosas *collationes*, mencionadas no contexto daquelas Inquirições, as quais eram: *Sancte Columbe*

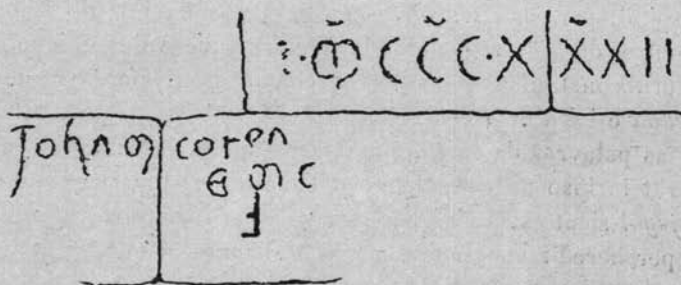


Fig. 21

de Guilifonxi, Sancti Salvatoris de Cabreiro, Sancti Johannis de Rivo Frigido, Sancte Marie de Pacioo, Sancti Pelagii dos Arcos, Sancte Marie de Ulveira, Sancti Salvatoris de Sabadim; Sancti Jorgii; Sancte Marie de Vilela; Sancti Martini de Monte Rotondo, Sancti Thome de Gueey; Sancte Marie de Santar; Sancti Vicentii de Tavora; Sancti Jacobi de Tavoazoo; Sancti Salvatoris de Pradaeiro, Sancte Marie de Jorla.

Parece lógica a ilação de que, na *collatione* de *Sancte Marie de Tavora*, também mencionada naquelas Inquirições, de nenhuma terras eram ainda senhores os freires de Malta, visto fazer-se silêncio acêrca deles. E não menos lógica é a conclusão de que a ermida românica, bem claramente autenticada com as cruces octangulares de Malta, não deveria existir ainda em 1258.

No reinado seguinte porém, procede-se em 1288 a outras Inquirições. Então já se lê no respectivo código: *De parochia sancte marie*

de tavora . . . Item disse que pero paaez esta testemunha ha hũa herdade de que soya peyjar boz e coymha E hya aanodoua E desta herdade parou censoria ao espital dhũa teiga de pam e hũu cabrito e hũua espadoa e defendeo por razõ donrra do espital e nõ dam nemygalha aelKey de quanto lhe soyã dar¹.

Baseando-me no silêncio das Inquirições de 1258 e na menção expressa das de 1288, posso formular a hipótese de que foi nesse período de trinta anos que a Ordem de Malta adquiriu bens em Santa Maria de Távora.

Embora alheado do meu intuito especial, José Anastácio de Figueiredo indica-me na sua *Nova Historia da Ordem de Malta* (II, 202) um documento que permite ver a data mais antiga, em que aparecem terras do domínio dos hospitalários em Távora. É uma carta de câmbio datada de 31 de Agosto da era de 1307 (ano 1269), em que D. Afonso III, em troca de uma herdade, que tinha *filhado* ao Hospital, para a nova povoação de Viana da Foz do Lima, lhe cedia outra do seu reguengo de Távora, que valesse igualmente e que era constituída pelas terras chamadas *Ajuial, Seara*, talho de *Parada* e leira de *Porta*.

Eis as palavras da carta, que interessam ao caso: «et invenerunt quod erat in ipso meo regalengo d'Tauara hereditas mea quam vocant *Ajuyal* sicut est divisa per marcos et per carreiros et quomodo dividit per hereditatem sancte marie de Tauara et quod erat ibi *Senara* de fratribus sicut dividit per riuulum de casali de Didaco et de alia parte per hereditatem hospitalis et quod erat ibi *taliu de parada* quod iacet marcatam super carraria et quod erat ibi *Leyra d'porta*, quo iacet circa meam in testa hereditatis hospitalis, sicut est marcata»².

Parece também deduzir-se dêste documento que, quando o rei D. Afonso III cedeu aos hospitalários bens que faziam parte de um seu reguengo de Távora, já aqueles aqui tinham conseguido aquisições territoriais, com as quais vieram a confinar as terras doadas pelo monarca: *Leyra d'porta quae iacet circa meam in testa hereditatis hospitalis*.

A data da edificação da capela da Comenda de Távora não poderia ter sido anterior a 1258, mas em 1269 e em 1288 já se compreende que os freires aí quisessem uma ermida para os «herdadores» que

¹ Livro I das *Inquirições* de D. Denis, fl. 87.

² Livro I das *Doações* de D. Afonso III, fl. 24.

se defendiam por honra da Ordem, ermida que aliás poderiam ter construído só em 1294, como parece ler-se sobre a porta lateral.

Na capelinha de S. Tomé, outra data se encontra na fachada e essa em caracteres monumentais e ainda onciais, que ocupam vários silhares do pequeno edificio:

M • CCC • LX • V

Tal era corresponde ao ano de 1327, princípios do reinado de D. Afonso IV. Está isolada esta data e gravada numa disposição bastante original. Significará esta emfim o ano da construção? A janela ogival que descrevi não destoa da época, mas a porta emparedada tem ainda o ar românico.

*

Presentemente a ermida de S. João Baptista de Távora faz parte de uma propriedade rural, cuja casa de habitação devia ter sido também a moradia dos Comendadores¹.

Encontram-se na casa de habitação algumas pedras com epígrafes modernas, que reproduzo pelo desenho. Na escada exterior de pedra há um fragmento com a data de 1651 e parte do pé de uma cruz. (Fig. 22). Sobre a porta, uma cruz da Ordem, com a data de 1604.

Há ainda outra, em três linhas, que diz:

ESTE • A • •

FA3(e)R • • •

IOA. • • • • •

¹ Toda a propriedade foi arrematada em 1841 por Domingos José de Sousa e Brito, pai dos Srs. João e Dr. Pedro de Sousa Brito, amigos que conheci ainda durante bastantes anos e dos quais recebi sempre affectuosas demonstrações duma consideração sincera e desinteressada. Relembro com saúde o convívio que tive com aqueles dois queridos contrerrâneos meus, cuja residência era invocada como o mais acabado modelo da boa hospitalidade portuguesa. Hoje a Casa da Comenda de Távora é propriedade dum sobrinho daqueles meus amigos, o Ex.^{mo} Sr. João de Brito Lima, cuja amizade é a grata continuação da que seus Tios dedicavam ao autor desta monografia.

Trata-se de um *altar*. (Fig. 23). *T* e *E* formam letras conjuntas. O *S* tem a forma de 3.

O letreiro da fig. 24 transmite-nos o nome do Comendador, que construiu a moradia e que em uma lápide mandou esculpir o seu brasão com cinco vieiras em santor. Fig. 25. Êste brasão encontra-se ao alto da escadaria. Na bôca de uma mina colocou também uma pedra, cujo centro é ocupado pela cruz de Malta, a genuína, em baixo relêvo, inscrita num círculo. Por baixo a carranca da gárgula. (Fig. 26).

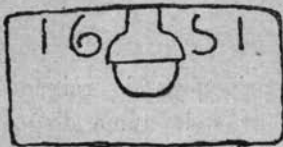


Fig. 22

A série de Comendadores ou Bailios, a quem esta Comenda foi concedida pelos capítulos da Ordem de Malta, não é fácil de organizar por falta de elementos. Do cartório antigo não restava, há anos, mais do que um pequeno volume muito danificado e que servira para lançar os capítulos das visitações feitas a esta Comenda desde 1631, durante aproximadamente uma centúria.

Combinando o que dêste registo se pode colhêr e as referências da *Nova História da Ordem Militar de Malta*, pude apenas colhêr os seguintes nomes:

Fr. Rodrigo Gil (a. 1233), comendador pelo menos de Aboim da Nóbrega; Fr. Rodrigo Martins (a. 1250); D. Gonçalo Pires de Pereira (a. 1280); Fr. Afonso Esteves Teixeira (a. 1285); Fr. Gil Eanes (a. 1351); Fr. João Coelho (1438 a 1480, isto é, sob D. Afonso V);



Fig. 23

Fr. A. Vaz da Cunha (1530); Fr. Cristóvão de Sernache Pereira (1550); Fr. João Figueira (1567); Fr. João Boto Pimentel (1604); Fr. Álvaro da Fonseca Coutinho (1643 e 1649); Fr. Lopo Pereira de Lima (1676); Fr. Francisco de Sousa (anterior a 1687); Fr. Martins Pereira de Eça (1687);

Fr. André Ferreira Ferrão Castelo Branco (1810), que parece ter sido o último Comendador antes do banimento das Ordens religiosas.

*

No manuscrito, a que acima me refiro, poucas notícias se encontram, que mereçam interêsse aos leitores dêste trabalho, apesar da-quele abranger um período da nossa história durante o qual, precisamente no concelho dos Arcos de Valdevez, a que Távora pertence, se desenrolaram sucessos movimentados da guerra da Restauração, consecutiva à expulsão dos Filipes.

Nos flancos das montanhas que o rio Vez corta, degladiavam-se os dois exércitos em luta, ocupando o português a margem direita e o espanhol a esquerda.

Távora está situada na margem direita e aí deviam chegar pelo menos os ecos da fusilaria e do canhoneio dos combates¹. Apesar disto, uma só e perfuntória referência ao estado de guerra se encontra em todos os capítulos das visitações!

Os visitadores, que eram sempre freires de alta categoria, recomendavam aos capelães da ermida de S. João Baptista, os quais deviam também ser professores, o exercício do seu munus paroquial e o uso dos seus direitos jurisdicionais, o que parece não era sempre bem aceito dos párocos da freguesia, chamada Santa Maria de Távora.

Um visitador intitulava-se: Fr. Manuel de S. Carlos, da Ordem de S.^{to} Agostinho, mestre jubilado na Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Officio, Provisor e Vigário Geral, Juiz Ordinário, Conservador da Jurisdição da Sagrada Religião de S. João Baptista do Hospital de Jerusalém de Malta em todo o distrito do reino de Portugal (1713)!

Outro era: Fr. Paulo da Fonseca, Cavaleiro professo da Santa Religião de S. João do Hospital de Jerusalém, acompanhado do Reverendo Fr. Gaspar Lopes de Carvalho, tesoureiro de Leça, Deputados commissários do Infante D. Francisco, gran Prior do Crato (1715).

Estas visitações, certamente convenientes para manter a disciplina e o prestígio da Ordem, não impediram que neste período a ermida e a residência do capelão chegassem a tal desamparo, que alguns paramentos do culto «era uma vergonha verem-se»; os sinos tinham o cabeçalho ou porca podre; a cama do capelão pousava na «lama» do pavimento térreo, tendo sido necessário mandar soalhar o chão e forrar o tecto ao menos «no recanto do leito para que não gele o pobre clérigo» e pudesse sequer «viver com os cómodos de um pobre ermitão». Como sanção d'este capítulo, o vi-



Fig. 24



Fig. 25

¹ As peripécias da campanha, minuciosamente descritas, podem ver-se na *Historia de Portugal Restaurado*, por D. Luís de Meneses, Conde da Ericeira (Lisboa 1698), parte II, pp. 239 e sgs.

sitador ordenava ao Comendador que dêsse ao capelão 2.000 réis por ano, para êle poder alugar uma casa ali perto. A hera invadira as paredes da ermida; as frestas deixavam penetrar o vento frio. Para a janela da capela-mór, mandou o mesmo visitador colocar uma vidraça; para a da sacristia, era sufficiente uma *empanada*¹ com sua grade de pau, tal como na choupana do truão, no *Monge de Cister* (II, 95).

Em outro capítulo de visitaçào, proibia-se aos homens que, dentro da ermida, se encostassem aos altares e pusessem nestes os chapéus e carapuças e, até, que entrassem na ermida «com cabelo atado por ser indecente e... hoje está em toda a parte reformado êste mau costume» (1687). O hábito dos homens se encostarem aos altares decerto continuou, porque em 1713 novamente se profigava.

Para as mulheres estabelecia-se a proibiçào de irem de noite fazer oraçào à ermida da Comenda (1736).

Parece que as festas de S. João davam azo a que se praticassem desacatos, indo algumas pessoas

pôr-se a tanger os sinos; um visitador do ano de 1730 impunha ao capelão o dever de aplicar penalidades aos que praticassem êsses desmandos.

Não deixa de oferecer alguma curiosidade a lista das rendas em gêneros da Comenda de Távora em 1735, afora os dízimos de Santar, Portela e Aboim, segundo uma nota lançada no mesmo livro a que me tenho referido. Gêneros e quantidades eram as seguintes:

Milho e centeio: 1844 alqueires; trigo: 159 alqueires; vinho: 11 pipas; galinhas: 277; frangos: 130; carneiros: 15; cabritos: 12; lampreias: 73! Êste ciclóstomo não desertou ainda das fortes correntes hiemais do Lima e a sua pesca nos boqueiros é rendosa. Não sucede o mesmo com o sável, que é raro, nem com o salmão, que é rarissimo. Já o pároco de Távora informava, em 1758, de idénticos fenómenos a secretaria de Sebastião de Carvalho.

Março de 1924.

F. ALVES PEREIRA.

¹ «*Empanada*: batente de janela que em vez de vidro tem por lumes panos encerados ou papeis oleados». (*Dic. da lingua portug.*, por Antonio de Moraes e Silva, 3.^a edição).



Fig. 26